

Reverência pela vida - Filosofia

Albert Schweitzer

Se houver homens que se revoltam contra o espírito da irresponsabilidade; se houver personalidades bastante puras e profundas para que possam irradiar os ideais do progresso ético, então se iniciará uma atuação do espírito capaz de produzir uma nova maneira de pensar na humanidade.

“Pela sua própria natureza, a ideia da reverência pela vida está capacitada de maneira toda especial para travar a luta contra o cepticismo”. Trata-se de uma ideia elementar.

Elementar é aquele raciocínio que parte das questões fundamentais da relação do homem com o mundo, do sentido da vida e da essência do bem. Ele se relaciona diretamente com o raciocínio que se manifesta em todo homem, ampliando-o e aprofundando-o.

Tal raciocínio elementar existe no [estoicismo](#). Quando, como estudante, iniciei a caminhada através da história da filosofia, custou-me despedir do estoicismo e prosseguir o caminho rumo às ideias tão diferentes que vinham em seguida. É bem verdade que seus resultados não me satisfaziam. Mas eu tinha a sensação de que essa maneira simples de filosofar era correta, e não compreendia porque se havia renunciado a ela.

O estoicismo parecia-me grande pelo fato de caminhar em linha reta rumo ao objetivo; de ser compreensível e profundo ao mesmo tempo; de contentar-se com a verdade, reconhecida como tal, embora insatisfatória; de vivificar essa verdade pela seriedade com que se lhe entrega; de possuir o espírito da veracidade; de persuadir o homem a recolher-se em si mesmo e espiritualizar-se, e, finalmente, pelo fato de despertar no homem a convicção da responsabilidade. Também considerava verdadeira a ideia fundamental do estoicismo de que o homem deve entrar numa relação espiritual com o mundo e tornar-se um só com

ele. Na sua essência, o estoicismo é uma filosofia da natureza que chega até a mística.

Tal como as ideias do estoicismo, achei igualmente elementares as ideias de Lao-Tseu quando me familiarizei com o seu Tão te king. Também Lao-Tseu ensina que o homem, mediante um raciocínio simples, deve entrar numa relação espiritual com o mundo, e se manter nessa comunhão durante a sua vida.

O estoicismo grego e o chinês são, pois, aparentados na sua essência. Distinguem-se um do outro apenas pelo fato de que o grego resultou de um raciocínio desenvolvido e lógico, enquanto o chinês nasceu de um raciocínio não desenvolvido, porém maravilhosamente profundo e intuitivo.

Esse raciocínio elementar, que surge na filosofia europeia e extra europeia não consegue manter a soberania, e acaba perdendo-a em favor do não-elementar. Não mantém o predomínio, porque seus resultados não satisfazem. Não consegue compreender como dotado de sentido o impulso para a atividade e para os atos éticos, que se encontra inerente à vontade de vida do homem espiritualmente desenvolvido. Eis a razão por que o estoicismo grego se detém junto ao ideal da resignação, e Lao-Tseu vê o ideal naquela bondosa inatividade que a nós, europeus, parece tão estranha.

Em última análise, toda a história da filosofia consiste em que as ideias de uma afirmação ética do mundo e da vida, naturalmente presentes no homem, não se podem satisfazer com o resultado do raciocínio simples e lógico sobre o homem e sua relação com o mundo, porque não conseguem imaginar-se nessa relação. Por conseguinte, forçam o raciocínio a dar voltas, através das quais esperam alcançar o objetivo. Desta forma, ao lado do raciocínio elementar surge um raciocínio multifário e não elementar que enreda e, às vezes, cobre completamente aquele.

As voltas seguidas pelo raciocínio tomam principalmente o rumo da tentativa de uma interpretação do mundo que pretende apresentar como dotada de sentido a vontade da ação ética. No estoicismo de um Epicteto e de um Marco Aurélio, no [racionalismo](#) do século 18 e em Lao-Tseu ([Confúcio](#)), Meng-Tse, Mi-Tse e outros pensadores chineses, a filosofia, que parte do problema elementar da

relação do homem com o mundo, alcança a afirmação ética do mundo e da vida pelo fato de fazer remontar o acontecimento do mundo a uma vontade do mundo que visa a objetivos éticos, ocupando o homem neste sentido. Na ideologia dos brâmanes, de Buda, como em geral nos sistemas hindus e na filosofia de Schopenhauer é estabelecida a outra concepção do mundo, a qual defende a tese de que o ser, que se desenvolve no tempo e no espaço, é desprovido de sentido e apenas tem que ser conduzido ao seu fim. Por conseguinte, o comportamento dotado de sentido, do homem para com o mundo, consistiria em morrer para o mundo.

Ao lado de um tal raciocínio que, pelo menos no seu ponto de partida e nos seus interesses, se conservou elementar, caminha paralelo, principalmente na filosofia europeia, um outro raciocínio não elementar, pois não tem como ponto central a questão da relação do homem para com o mundo. Esse raciocínio ocupa-se com o problema cognoscitivo-teórico, com especulações lógicas, com a ciência natural, com a psicologia, com a sociologia ou outra coisa qualquer, como se à filosofia coubesse a solução dessas questões em si, ou como se ela consistisse apenas em analisar ou compilar os resultados das diversas ciências. Ao invés de conduzir o homem a uma constante reflexão sobre si e sua relação com o mundo, essa filosofia comunica-lhe os resultados de uma teoria da cognição, da especulação lógica, das ciências naturais, da psicologia ou da sociologia como sendo algo que deva servir de orientação para a sua concepção da vida e sua relação com o mundo. Tudo isso a filosofia lhe apresenta como se o homem não fosse um ser que se encontra no mundo e nele se realiza, mas como se fosse um ser colocado ao lado do mundo e que o olha como espectador.